



LUTE
COMO
UMA
METROVIÁRIA





Apresentação:

No começo desta publicação falamos em "tarefas da reprodução social". Esse é um conceito que vai permear os textos desta cartilha.

Uma maneira de definir a reprodução social são as atividades e instituições que são necessárias para produzir e manter a vida. E para manter uma vida são necessárias várias atividades, como limpar, alimentar, cozinhar, lavar roupas. Há exigências físicas institucionais: casa para morar, transporte público, instalações recreativas públicas, parques. Escolas e hospitais são algumas das instituições básicas para a manutenção e realização da vida.

As atividades e instituições que estão envolvidas neste processo são chamadas de trabalho e instituições de reprodução social. A reprodução social é uma lente por meio da qual olhamos para o mundo ao nosso redor e tentamos entendê-lo.

Como consta nesta cartilha, historicamente a mulher é sobrecarregada pelas atividades domésticas e de cuidados com os familiares. No caso das mulheres metروiárias, há o trabalho estressante (mais ainda com a pandemia), as atividades da casa e os cuidados com filhos, maridos e outros parentes. Sem contar a realização de cursos, eventos de atualização e aperfeiçoamento profissional...

Nosso objetivo é mostrar as desigualdades e apontar a necessidade de muita luta para virar esse jogo.



Estamos exaustas, mas seguimos na luta!

Neste mês de março completou um ano em que as nossas vidas se transformaram. O surgimento do novo coronavírus pegou o mundo inteiro de surpresa e escancarou as profundas desigualdades já existentes em nossa sociedade.

Em todo o mundo, as mulheres são 70% das pessoas que estão na linha de frente do enfrentamento à Covid-19. Garantimos muitos serviços essenciais e acumulamos uma enorme sobrecarga de tarefas. As tarefas de reprodução social, como os cuidados com a casa, a família, os filhos, os pais sempre recaem sobre as mulheres, o que está nos deixando exaustas. Isso não é novidade da pandemia. Isso é resultado de uma forma de organização social desigual e machista.



Estamos vivendo um momento difícil, mas repleto de exemplos de que as mulheres têm sido linha de frente das lutas contra a violência, pelos direitos reprodutivos e contra os governos que ascenderam sob o discurso de ódio. Nós, metroviárias, temos história e força para ser parte dessas lutas e da transformação social.





As metroviárias são linha de frente do enfrentamento à Covid-19

Nós, trabalhadoras do transporte, somos as mulheres na linha de frente contra a Covid-19 junto às trabalhadoras da saúde e de diversas outras áreas. Efetivas e terceirizadas, operando trens ou limpando as dependências do Metrô, estamos nesta batalha sem direito à quarentena, trabalhando todos os dias, desde o início da pandemia.

Lamentavelmente, as políticas negacionistas de Bolsonaro e demagógicas de Doria — que demite funcionários quando deveria contratar, retira direitos e expõe todos cada vez mais à pandemia — impõem que os trabalhadores permaneçam expostos à doença. Superlotam os transportes públicos todos os dias, uma vez que não garantem qualquer auxílio financeiro para a população ficar em casa protegida e sem fome. Isso aumenta a possibilidade de nós, metroviários, contrairmos o vírus e levá-lo para nossas famílias, pois o transporte público é o segundo local de maior risco de contaminação nas cidades.

- **Vacina para todos, já!**
- **Testes massivos**
- **EPIs adequados para efetivos e terceirizados**
- **Auxílio emergencial para esvaziar o transporte público e garantir quarentena!**





O aumento da violência machista na pandemia

A pandemia de Covid-19 acentuou o lado mais perverso da violência contra a mulher. No primeiro semestre de 2020 houve um aumento do número de casos e da gravidade das ocorrências. Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública do ano passado, os casos de feminicídio aumentaram em 1,9% durante o primeiro semestre.

No estado de São Paulo, uma mulher foi vítima de feminicídio a cada dois dias. Somente em abril, houve um aumento de 31% em relação ao mesmo período no ano anterior. No Rio de Janeiro, entre março e abril, a violência física aumentou 10% e a violência sexual 17%. Essa situação se repetiu em diversos países, segundo o relatório da ONU Mulheres, de abril de 2020.

Praticando o isolamento social junto com seus agressores, as mulheres viram aumentar a dificuldade de realizar denúncias e de obter ajuda. O descaso dos governos, como o de Bolsonaro, em investir em políticas públicas de combate à violência contra a mulher ficou ainda mais evidente. Mas nada disso é novo, a pandemia apenas potencializou o que já acontecia.

Nossa saída é exigir que as mulheres tenham direito ao isolamento social com condições de sair do ciclo de violência em que estão inseridas.



A destruição da empresa pública atinge diretamente as mulheres

O transporte público é considerado serviço essencial, portanto, deveria ser um direito da população e um dever do Estado. Porém, os governos não respeitam e o tratam como mercadoria. Os governos do PSDB em SP nos últimos anos — de Serra, Alckmin e Doria — construíram linhas e estações de metrô e concederam suas operações e administração para a iniciativa privada, com todas as garantias de proteção de seus lucros. Terceirizaram a limpeza, segurança, bilheterias e parte da manutenção. Nesse processo acompanhamos várias denúncias de corrupção, como o chamado trensalão tucano.

O governo ataca nossos direitos para diminuir os custos das empresas privadas que ganharam e vão seguir ganhando com as concessões. Com isso, dividem a categoria com salários, direitos e sindicatos diferentes. A população sofre com a piora do serviço, a superlotação, o assédio sexual e o aumento da tarifa.

Diante disso, uma triste e revoltante realidade da sociedade capitalista se revela: o machismo, o racismo e a LGBTfobia. Dizemos isso porque a maioria absoluta dos postos de trabalho precarizados é preenchida pelas

mulheres, negros e negras, e pessoas LGBTQIA + . As mulheres recebem salários menores e atualmente chefiam 40% das famílias na Grande São Paulo, com média salarial de R\$ 1.000 a menos do que os homens chefes de família (Pesquisa Seade). Uma pesquisa do Instituto Insper revelou que o salário das mulheres negras chega a ser 159% inferior ao dos homens brancos.

Um levantamento do Dieese mostra que de 1995 a 2018, das 377 mortes em serviço, 300 foram de trabalhadoras e trabalhadores terceirizados, revelando as péssimas condições de trabalho proporcionadas pela terceirização. No Metrô, uma trabalhadora foi estuprada dentro da cabine de carregamento do Bilhete Único e outra funcionária da limpeza morreu quando estava a serviço na estação.

No Metrô as mulheres também são discriminadas. A maioria dos cargos de chefia é ocupada por homens. Essa discriminação se acentua em relação às trabalhadoras terceirizadas nas bilheterias e limpeza. Durante a pandemia, dezenas de funcionárias da limpeza foram demitidas. Isso é um absurdo pois, além de piorar o serviço e prejudicar a higienização dos trens e estações, contribui para aumentar o desemprego, a fome e a miséria.

- **Contra a privatização e a terceirização!**
- **Pela igualdade de direitos!**
- **Pela efetivação dos trabalhadores terceirizados!**



Seguimos gritando #EleNão

Bolsonaro colocou o País na maior crise econômica, política e sanitária da história. Não garante a vacina e ainda dissemina ódio contra as mulheres trabalhadoras. Nos últimos anos, as políticas públicas para mulheres no Brasil retrocederam. Entre 2015 e 2019, o orçamento da Secretaria da Mulher do governo federal diminuiu de R\$ 119 milhões para R\$ 5,3 milhões.

Em plena pandemia, constatado o aumento dos casos de violência doméstica, o governo deixou de investir 95,6% do orçamento previsto para políticas públicas direcionadas às

mulheres. Apenas R\$ 5,6 milhões (4,4%), de um total de R\$ 126,4 milhões previstos na Lei Orçamentária de 2020, foram gastos com essas políticas. Bolsonaro também não investiu um centavo na Casa da Mulher Brasileira, um dos principais órgãos de enfrentamento à violência doméstica.

Doria quer parecer diferente, mas promove até o momento uma campanha de vacinação muito limitada e não garante emprego e renda para que se possa ter uma quarentena de verdade. Transporte lotado, escolas, fábricas e igrejas abertas levam a população a estar mais exposta à contaminação pela Covid-19. Os governos vêm deixando as trabalhadoras do País abandonadas.





Enfrentando o machismo

Como é ser mulher nesse mundo repleto de controvérsias, onde de um lado somos tão evoluídos e, em outro, ainda vivemos numa realidade extremamente machista?

Ser mulher nesse contexto é lutar todos os dias! A luta é de todas, mas principalmente das mulheres da classe trabalhadora e da população negra, essas são as que mais sofrem e sentem na pele o machismo estrutural.

O momento da nossa história é triste, o governo brasileiro viola direitos humanos e nega todas as lutas realizadas pelas mulheres, pelos índios, negros e população LGBTQIA + . Um governo que estimula o machismo com discursos de ódio, que no seu projeto educacional incentiva a diferença de gêneros afirmando que “meninas vestem rosa e meninos azul”, como forma de determinar qual o papel frágil e secundário que as mulheres devem ocupar na sociedade.

Mas as mulheres resistem e lutam para sobreviver, para educar seus filhos, para criar meninas a serem o que quiserem e meninos livres do estereótipo de machos que não choram. Mulheres lutam contra o machismo e opressão, pela construção de uma vida justa e igualitária. Mulheres e homens precisam combater o machismo para que se possa viver numa sociedade com direitos iguais para todos.





Venha pra luta!

Na atual conjuntura, é necessário despertarmos para a luta. Principalmente as mulheres, que são as mais exploradas pelo capitalismo e por esta sociedade machista. Lutar é preciso para ajudar a mudar esta sociedade opressora. Lutar por equidade de gênero, por direitos e participar ativamente da construção de uma sociedade melhor.

Sabemos que historicamente a mulher é sobrecarregada pelas tarefas domésticas e de cuidados com os familiares. Mas é importante dedicar parte do seu tempo para mudar esses valores conservadores que nos limitam. Vamos romper este ciclo e mostrar que lugar de mulher também é na luta!

Os direitos conquistados pelas mulheres metroviárias foram muito importantes para ter mais trabalhadoras operando trens, mais mulheres seguranças e na manutenção. Infelizmente, a ofensiva sobre esses direitos está cada vez maior. Por isso, precisaremos unir nossas forças para manter e melhorar nossas conquistas.

As mulheres metroviárias estão na linha de frente de várias batalhas. Precisamos dar as mãos e seguir nos fortalecendo para superarmos esse momento difícil.







SECRETARIA DE
Mulheres
DO SINDICATO DOS METROVIÁRIOS DE SÃO PAULO

Expediente!

Cartilha produzida pela Secretaria de Mulheres do Sindicato dos Metroviários SP

Responsável pela Secretaria: Josiane Bezerra

Textos: Josiane Bezerra, Priscilla Guedes, Daniela Possebon, Camila Lisboa, Marisa Santos, Luciana Benute e Fernanda Peluci.

Colaboração: Elaine Damásio, Rosa Anacleto, Raquel Amorim, Marília Rocha, Elizabete Nicolino da Silva, Ana Borguin, Ida Maria, Milene Gonçalves, Maria Clara Pereira Soares, Daniela de Matos Lima, Tânia Machado Candia e mulheres ativistas da categoria.

Revisão: Rogério Malaquias e Paulo Iannone.

Arte: Maria Fígaro.

Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Transportes Metroviários e em Empresas Operadoras de Veículos Leves sobre Trilhos no Estado de São Paulo.

Sede: R. Serra do Japi, 31 – Tatuapé
CEP 03309-000 – São Paulo – SP

Fone: 2095-3600

E-mails: mulher@metroviarios-sp.org.br
sindicato@metroviarios-sp.org.br

Edição: Março/2021



**SINDICATO DOS
METROVIÁRIOS SP**

📍 Rua Serra do Japi, 31 - Tatuapé
CEP 03309-000 • São Paulo - SP

☎ Fone: 2095-3600

✉ sindicato@metroviarios-sp.org.br

f [sindicatodosmetroviariosdesaopaulo](https://www.facebook.com/sindicatodosmetroviariosdesaopaulo)

🐦 [Metroviarios_SP](https://twitter.com/Metroviarios_SP)

🌐 [metroviarios.org.br](https://www.metroviarios.org.br)

